

REVISTA PUÑADO: DECOLONIZANDO A PUBLICAÇÃO DE/ENTRE ESCRITORAS LATINO-AMERICANAS NO BRASIL

Leticia Pilger da Silva
Universidade Federal do Paraná
(leticiaspilger@gmail.com)

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar, a partir do pensamento decolonial, a construção e a política da revista literária brasileira *Puñado*, da editora independente *Incompleta*, que publica traduções ou originais de contos, trechos de romances, ensaios e poemas de escritoras contemporâneas de países latino-americanos e caribenhos. Para perscrutar a construção de pontes entre escritoras latino-americanas contemporâneas, dentro e fora do Brasil, serão analisados o *corpus* da revista e as entrevistas feitas por colaboradoras brasileiras (pesquisadoras, escritoras e tradutoras) sobre ser uma escritora na América Latina e suas poéticas. Com isso, a revista será tida como uma prática tradutória decolonial e desoutrizadora que potencializa o diálogo entre mulheres latinas de diversos contextos culturais.

Palavras-chave: escritoras latino-americanas; revista; tradução; pontes.

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê "Literatura de autoria feminina em língua espanhola"

| | | | | | | |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|---------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 10 | n. 2 | 1-22 | e021013 | 2021 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|---------|------|

Universidade Federal de Alfenas
Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil
<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

Leticia Pilger da Silva

Leticia Pilger da Silva é doutoranda em Estudos Literários na Universidade Federal do Paraná. Pesquisa crítica literária feminista, estudos decoloniais e autoria de mulheres latino-americanas. Também é professora de literatura e revisora.



<http://lattes.cnpq.br/3561056610688401>



<https://orcid.org/0000-0002-1999-7336>



<https://ufpr.academia.edu/Let%C3%ADciaPilger>

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê "Literatura de autoria feminina em língua espanhola"

| | | | | | | |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|---------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 10 | n. 2 | 1-22 | e021013 | 2021 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|---------|------|

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

REVISTA PUÑADO: DECOLONIZANDO A PUBLICAÇÃO DE/ENTRE ESCRITORAS LATINO-AMERICANAS NO BRASIL

Leticia Pilger da Silva
Universidade Federal do Paraná
(leticiaspilger@gmail.com)

Introdução: mulheres que escrevem

No seu clássico *Um teto todo seu*, escrito em 1928, para um grupo de universitárias da Inglaterra, Virgínia Woolf defende que, para ser escritora, uma mulher precisa de uma casa e de quinhentas libras para se sustentar. Ou seja, são necessárias condições materiais para que uma mulher consiga trabalhar com a escrita. É importante localizar histórica e geopoliticamente a posição de Woolf, que fala de seu lugar de mulher branca burguesa para outras mulheres brancas, inglesas e de classe média, de modo que a sua “mulher que escreve” exclui diversas outras escritoras de diferentes contextos socio-geopolíticos (tanto de sua época como de hoje).

A realidade é outra quando pensamos na autoria de mulheres de contextos coloniais, visto que, entre o patriarcado e acolonialidade, a figura das mulheres desaparece (SPIVAK, 2010). Gloria Anzaldúa (2000), escrevendo do Sul do Norte, em sua carta “Falando em línguas”, de 1981, dirigida às mulheres do então denominado Terceiro Mundo, mostra que a questão vai além da pensão e do teto, isto é, das condições materiais, porque as dificuldades das “mulheres de cor”, como ela as chama, são diferentes das mulheres brancas, já que não tiveram privilégios e enfrentam muito mais desafios quando querem escrever, como a negação do espaço intelectual e o racismo. Ao relatar como ela se “atreveu” a tornar-se escritora com suas mãos de trabalhadora, Anzaldúa diz que “os problemas parecem insuperáveis, e são, mas deixam de ser quando decidimos que, mesmo casadas ou com filhos ou trabalhando fora, iremos achar um tempo para escrever” (ANZALDÚA, 2000, p. 233).

No contexto brasileiro, Conceição Evaristo escreveu seu primeiro livro, *Becos de memória* (2017), em 1986, mas apenas conseguiu publicá-lo em 2006, como relata no prefácio da obra, o que mostra que os problemas não acabam depois de conseguir tempo e condições para escrever, porque a publicação e a construção de um público-leitor são também necessárias, embora não sejam tarefas fáceis. Na nossa realidade de um passado colonial, o acesso à publicação vai além do acesso ao tempo para escrever, de modo que é necessário que pontes sejam construídas, assim como ações afirmativas para permitirem que mulheres escrevam na América Latina e publiquem cada vez mais e que sejam lidas, entre si e por todos à sua volta. Indo

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

| | | | | | | |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|---------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 10 | n. 2 | 1-22 | e021013 | 2021 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|---------|------|

mais adiante – que é o foco deste trabalho: que sejam traduzidas e que seus textos viagem e corram mundo expandindo mapas.

Nesse sentido, em sua carta, Anzaldúa também afirma que a solidão da escrita e a sensação de falta de poder foram quebradas quando ela dialogou com outras escritoras de cor, o que revela a importância das redes entre as mulheres para a abertura de espaços de escrita e de construção epistêmica. Essas pontes, como defenderam Gloria Anzaldúa e Cherrie Moraga (1981), devem ser construídas entre todas as mulheres, racializadas e brancas, do Sul e do Norte, a fim de desfazer as fraturas construídas e curar as feridas coloniais causadas pela separação das mulheres por séculos. Apesar do reconhecimento da importância dessas relações, há pontes que continuam invisíveis por conta das interseccionalidades da geografia do lugar de fala e das questões raciais, linguísticas e de classe que perpassam a identidade de várias mulheres, como já denunciou Breny Mendoza (2017), ao falar que as latino-americanas (cujo lugar de fala é a América Latina, diferente das chicanas, que estão no Sul do Norte Global, como a própria Anzaldúa), ainda estão fora da construção de uma epistemologia do sul e do pensamento decolonial. É preciso, assim, que mulheres latino-americanas estabeleçam mais pontes, principalmente em “um tráfego menos privilegiado de conhecimento cultural, social, teórico, empírico e político entre as mulheres latino-americanas, ou mesmo a negação ou baixa valorização da alteridade mais próxima de uma mulher latino-americana: outra mulher latino-americana” (FONSECA et al., 2020, p. 220). A partir disso, serão decolonizadas as cartografias da escrita e do conhecimento nos mapas do sistema mundo moderno/colonial, tanto na construção teórica como nas viagens dos textos literários.

Para pensar a escrita literária como forma de transformar a geopolítica do conhecimento, neste artigo, apresentaremos a revista brasileira *Puñado* e a analisaremos como uma publicação com um projeto decolonial ao criar “mapas outros” de viagens de textos literários de modo a corromper as lógicas editoriais e a publicar literaturas feitas por mulheres que escrevem a partir da América Latina. Na primeira seção do artigo, será problematizada a compreensão da tradução linguística e cultural como uma prática desoutrizadora e decolonial; em seguida, será apresentada a organização da revista e, por fim, serão analisadas as entrevistas das escritoras para pensar a poética e a autoria de mulheres latino-americanas.

1 A ponte da tradução como remapeamento

Assim como a América Latina é uma translocalidade de fronteiras móveis, a experiência das mulheres latino-americanas é plural, de modo que o feminismo no contexto latino-americano, como aponta Lélia Gonzalez (2011, p. 5), é marcado pelo caráter “multirracial e pluricultural das sociedades”. Por sua vez, a escrita das autoras latino-americanas, que se consolidou no mercado editorial dos países latino-americanos nos anos 1980, é marcada pela discussão sobre a colonialidade do poder e do gênero, assim como de questões sobre etnia, classe, geração e sexualidade, contextualizadas nas discussões dos feminismos decoloniais.

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

| | | | | | | |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|---------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 10 | n. 2 | 1-22 | e021013 | 2021 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|---------|------|

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

Norma Klahn sugere que a literatura de mulheres da América Latina “representou uma mudança importante que as definiu tanto quanto produtos quanto produtoras do que tem sido chamado de giro cultural” (KLAHN, 2014, p. 39, tradução minha¹). Suas narrativas, de ficção e não-ficção, de acordo com Klahn, quebram a centralidade da modernidade e das relações hierárquicas que privilegiam a perspectiva eurocêntrica por meio da denúncia de machismo, estruturas excludentes, xenófobas e autoritarismos. Assim, são um projeto de escrita-outra, de um pensar-fazer que corrompe com a lógica do pensamento colonial eurocêntrico, portanto, essas “escritoras podem ser vistas como participantes ativas do projeto global mais amplo de um processo de democratização inclusiva exigindo igualdade completa e dignidade para mulheres e outras minorias excluídas” (KLAHN, 2014, p. 40).²

Apesar disso, a colonialidade do saber mantém a desigualdade de circulação e recepção dos textos e práticas feministas e das escritas de autoras latino-americanas, seja nos países onde publicam ou em outros países, pela via da importação e da tradução (MENDOZA, 2017; KLAHN, 2014). Nelly Richard (1999) já denunciou essa economia da produção do conhecimento como uma colonialidade do saber: as mulheres do Sul Global são objeto de pesquisa, enquanto as mulheres do Norte Global ficam responsáveis pelo trabalho intelectual e pela pesquisa acadêmica; Yuderkis Espinosa (2020) também apontou que há relações de dependência das feministas do Sul Global de teorias do Norte Global e seus conceitos universalizantes.

A literatura escrita na América Latina fora do Brasil, principalmente por mulheres, infelizmente segue essa lógica, já que, mesmo com a proximidade linguística e com a ferida colonial em comum, ainda hoje textos latino-americanos precisam viajar mais para chegar aqui do que literaturas estadunidenses ou europeias, devido ao imperialismo cultural. Nesse contexto, as escritoras latino-americanas seguem sendo as menos publicadas e traduzidas nos próprios países e em contextos internacionais (FONSECA et. al, 2020).

Precisamos, portanto, de práticas descolonizadoras para que as latino-americanas tenham mais espaço, escrevam e publiquem, assim como para que seus textos viajem de modo a subverter a colonialidade do saber e do gênero que as mantém, muitas vezes, subalternizadas (CURIEL, 2020). Para isso, é preciso fazer a “demolição de cartografias de poder e uma reinvenção de geografias” (NIDIKUNG, 2019, p. 66), ou seja, abrir e percorrer projetos culturais que rompam com as lógicas construídas no mundo viciado no consumo do mundo eurocêntrico.

Nesse viés, quando pensamos na escrita de mulheres a partir de uma crítica decolonial, como já traçamos na introdução, começamos nos questionando não apenas quem escreve, mas quem publica? Em que língua escreve? Onde – região e editora – publica? Onde e

¹ No original: “represented a major shift that defined them as both products and producers of what has been called the cultural turn” (KLAHN, 2014, p. 39, todas as traduções em nota são minhas).

² No original: “women writers can be seen as actively participating in the larger global project of an inclusive democratization process demanding full equality and dignity for women and other excluded minorities.” (KLAHN, 2014, p. 40).

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

| | | | | | | |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|---------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 10 | n. 2 | 1-22 | e021013 | 2021 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|---------|------|

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

por quem é lido/a? Temos que repensar as práticas coloniais epistemológicas e literárias do mercado editorial, não apenas nos catálogos das principais editoras, como a pesquisa de Regina Dalcastagné (2005) sobre o perfil da literatura brasileira contemporânea, revelando que o escritor médio ainda é bastante masculino, branco, de metrópoles e de classe média, sendo, ainda, as mulheres negras quem menos têm espaço de publicação. O mesmo ocorre com as traduções: há mais livros traduzidos no Brasil da língua inglesa do que de outras línguas, o que mostra o consumo da literatura do Norte Global e o encobrimento de escritas outras, como a da própria América Latina, da qual, apesar de pertencer a ela, o Brasil ainda está distante. Nesse sentido, as editoras independentes têm uma força subversiva em relação ao mercado editorial e aos circuitos oficiais por publicarem comumente autoras e autores que não entram, por diversos motivos, nas editoras renomadas. Ainda vendem em livrarias pequenas e independentes, que não se submetem às regras do mercado, diferente de grandes corporações que fazem ações predatórias neoliberais desumanizando o mundo dos livros.

A tradução – tanto linguística como cultural – é um exemplo de prática descolonizadora que corrompe essas cartografias por meio do diálogo e de redes transnacionais que propõem uma globalização alternativa e práticas transfronteiriças que articulam inteligibilidades mútuas sem hierarquizações (SOUSA, 2002; FONSECA et. al, 2020) e que transformam os sentidos, com visões outras sobre os mundos (COSTA, 2020). Ela é o ir e vir, como um viajar mundos (para dialogar com o conceito de *world-travelling* de Lugones, de 1987), que, no contexto da autoria de mulheres, permite a experiência de perspectivas de outras mulheres, como um jogo de trocas subjetivas; daí a tradução ser uma prática desoutrizadora, já que tira da margem, reconhecendo e afirmando a subjetividade (SELIGMANN-SILVA, 2020).

Na proposição de um projeto epistemológico de recartografar as Américas em um mundo globalizado regido pela lógica neoliberal do capital, Sonia Alvarez (2009; 2014) defende negociações entre feministas em várias fronteiras, geográficas, identitárias e teóricas, por meio de uma tradução translocal entre mulheres:

Propomos agora Translocas como um projeto político e uma episteme para apreender e negociar as Américas globalizadas, um projeto que pode ser abraçado amplamente no Hemisfério ou mesmo além dele. Nossa translocalidade permite uma consciência múltipla, interseccional, multilocal, uma versão "translocada". Uma política hemisférica do translocal deve dar atenção à heterogeneidade das *Latinidades* dentro dos Estados Unidos e entre povos latino-americanos e caribenhos, bem como às várias posicionalidades que modelam as vidas latino-americanas através das múltiplas fronteiras. Muitos tipos de *latino-americanidades* - afro, *queer*, indígena, feminista - são construídos através de processos translocais. A *Latinidad* no sul, norte e Caribe já é liminarmente constituída de interseções dos fluxos intensificados transfronteiriços, transculturais e translocais que caracterizam a transmigração contemporânea pelo Hemisfério - de La Paz a Buenos Aires a Chicago e de volta (ALVAREZ, 2009, s./p.).

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê "Literatura de autoria feminina em língua espanhola"

| | | | | | | |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|---------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 10 | n. 2 | 1-22 | e021013 | 2021 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|---------|------|

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

De forma semelhante, Olga Castro e María Laura Spoturno (2020) defendem uma prática de tradução feminista transnacional, a fim de realizar alianças transfronteiriças e, a partir delas, decolonizar o suposto universalismo dos feminismos globais, além de catalisar o compartilhamento das experiências das diversas mulheres e pensar em mais diálogos entre Sul-Sul. Nesse sentido, a experiência fronteiriça dos feminismos transnacionais e de suas práticas tradutórias pressupõem espaços polifônicos e translinguísticos e mostram quão importante é mapear a mobilidade dos textos de autoria de mulheres latino-americanas e da própria teoria feminista como discurso. Afinal, na viagem para os territórios latino-americanos, as teorias são reterritorializadas, transformadas, enriquecidas e revitalizadas (COSTA, 2014; CASTRO, SPOTURNO, 2019). Além disso, pensando nessa viagem das teorias ao lado da ferida colonial e da dupla colonialidade, podemos reterritorializar questões da crítica literária feminista europeia, como é o caso da metáfora da “ansiedade da autoria” (GILBERT; GUBAR, 2017), já que há, aqui, uma ansiedade do contato pelas fronteiras. Seria, então, uma ansiedade do contato.

Pela tradução de contextos, é possível que os textos de mulheres latino-americanas não apenas viajem, mas tenham contato entre si e se transformem, a fim de construir um terceiro espaço que não uma interseção nem uma síntese, mas subversão e criatividade, um entre-lugar, uma fronteira, uma zona de contato de/entre mulheres (COSTA, 2020). Consequentemente, podem ocorrer a agência e a emergência de escritoras e de pensamentos outros, assim como a catalisação do contato Sul-Sul sua enunciação, com o remapeamento das escritas da translocalidade que é a *América Ladina* dentro da América Latina.

2 Mapeando a revista e sua organização

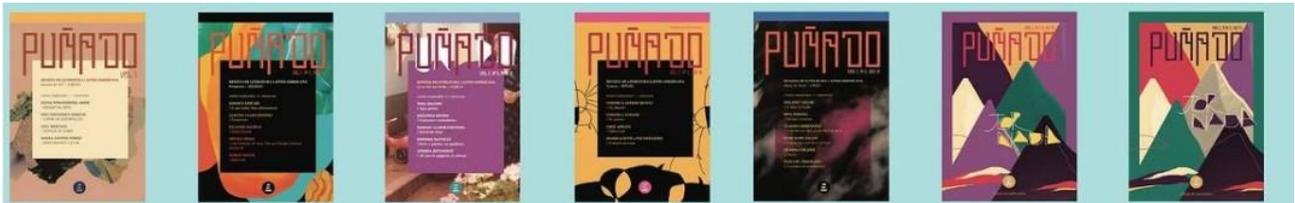


Figura 1 – Capas das edições da *Puñado* (2017-2019). Fonte: Editora Incompleta (2021)

Publicação brasileira contemporânea criada em 2017 pela editora independente *Incompleta*, com curadoria e edição de Laura Del Rey e Raquel Dommarco Pedrão³ e sem periodicidade fixa, a *Puñado* publica um apanhado de “Literatura latino-americana e caribenha” contemporânea escrita por mulheres, embora a autoria de mulheres não seja sinalizada em

³ A equipe toda da *Puñado* é formada por 5 mulheres: as duas editoras, a revisora, a produtora gráfica e a catalografista. Todas trabalham em um processo colaborativo na construção da revista, além das colaboradoras de cada edição.

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

| | | | | | | |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|---------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 10 | n. 2 | 1-22 | e021013 | 2021 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|---------|------|

nenhum momento, porque, como afirmam as editoras no prefácio da primeira edição, a escolha por não marcar o gênero se deve pelo fato de que elas não acreditam em “uma literatura feminina ou em assuntos de mulher, mas na urgência de abrir espaços” (DOMMARCO, DEL REY, 2017, p. 5). Tal escolha mostra a necessidade dos feminismos ao mesmo tempo que a discussão do que ainda se faz em crítica literária, de maneira leviana, ao recuperar o termo “autoria feminina” no lugar de “autoria de mulheres”.

Ainda sobre o recorte do *corpus* de autoras, até a quinta edição, a revista era identificada apenas como “Revista de literatura latino-americana”, apesar de já serem publicados textos de escritoras caribenhas desde o início, o que mostra a reconfiguração da compreensão de América Latina, um termo por si só colonial em sua origem, como uma translocalidade, e a decisão de explicitar o Caribe como uma região na curadoria dos textos, tendo em vista a exclusão dos povos afro-caribenhos por muito tempo na ideia de América Latina devido ao racismo na constituição da identidade da região (MIGNOLO, 2007), assim como para pontuar o caráter distinto das realidades de países latino-americanos dos caribenhos, pois, apesar de fazerem parte do mesmo subcontinente, suas realidades e relações com a literatura têm características distintas. Tal fato mostra a elasticidade das concepções identitárias e territoriais que, por questões de objetivo e dimensão, não serão tratadas aqui. Nas palavras das editoras:

acrescentamos o Caribe nominalmente ao recorte curatorial: somos uma revista de literatura latino-americana e caribenha feita por mulheres. Ainda que a ideia de América Latina seja relativamente fluida, não se limitando à geografia ou aos idiomas falados, quisemos evidenciar essa presença, já marcada em edições anteriores por autoras de países como Colômbia, Haiti, Jamaica, México, Nicarágua, Porto Rico e República Dominicana – e agora, de Granada e da Venezuela –, seja qual for o idioma de saída de seus contos ou ensaios (DOMMARCO, DEL REY, 2019, s./d.).

No prefácio da primeira edição, as editoras apresentam o ato de publicar como um ato último da jornada para a formação de leitores e, conseqüentemente, como forma de descolonizar o mercado editorial: “Publicar: este último ato de uma jornada longa, e o primeiro que acena na direção de um leitor. Um suposto leitor. Um possível leitor... A ideia de que estão por aí, mais do que centenas de autoras, leitoras à espera de sua escrita” (DOMMARCO, DEL REY, 2017a, p. 5), o que dialoga com a ansiedade do contato e a necessidade da publicação para se afirmar o espaço da escrita. A construção do público, é importante ressaltar, ocorre majoritariamente pelo contato físico, principalmente em feiras literárias e de impressos independentes, como a Feira Míolos, porque as duas editoras valorizam a conversa com os possíveis leitores sobre a história da revista e dos textos que viajam até cada edição.

Com a publicação de textos inéditos, traduções e originais, o objetivo da revista é criar uma zona de contato intercultural, uma área transfronteiriça e divulgar escritoras da América Latina que escrevem na contemporaneidade, de modo a catalisar o contato literário Sul-Sul via

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

| | | | | | | |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|---------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 10 | n. 2 | 1-22 | e021013 | 2021 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|---------|------|

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

literatura, subvertendo localidades de poder no mercado editorial. Dessa forma, por meio dos atos de traduzir e publicar, corrompe-se com o grande movimento de traduções de títulos oriundos do Norte Global, como sintoma da colonialidade do saber e da economia da produção de conhecimento e, quando se pensa na literatura escrita na América Latina, ainda é preciso criar um público no Brasil, assim como projetos tradutórios que façam a mediação do texto e dos contextos das publicações (DEL REY, 2020; SELIGMANN-SILVA, 2020).

Os textos publicados são escritos originalmente (Tabela 1) em espanhol, inglês, francês e português, línguas que já marcam o passado colonial na região e que por si já nos fazem perguntar quanto vale uma língua no contexto atual e as relações de língua e publicação – se o texto mexicano em espanhol não chega aqui no Brasil, será que o texto em mixe chegará? A maioria dos textos foi publicada originalmente em língua espanhola, o que pode ser explicado pela dominância do idioma na maioria dos países latino-americanos. O fato de o inglês ser a segunda língua de origem mais presente pode ser pensado a partir da grande migração para os Estados Unidos devido à carreira universitária ou à busca de condições de vida melhores. Fernando Aínsa (2010), inclusive, já comentou que no mundo contemporâneo há escritores latino-americanos que publicam primeiramente seus livros nos Estados Unidos porque há uma maior chance de alcançarem sucesso, e só depois de alcançarem visibilidade internacional publicam em seus países de origem, o que, mais uma vez, revela a colonialidade dentro da literatura.

| Língua de origem | Quantidade de textos |
|------------------|----------------------|
| Espanhol | 22 |
| Inglês | 7 |
| Português | 5 |
| Francês | 1 |

Tabela 1 – Língua de origem dos textos. Fonte: a autora (2021)

Uma coincidência nos textos, que já mostra a tradução cultural (anterior à tradução linguística para o português), é a presença de escritas linguisticamente híbridas, ou seja, criadas a partir da incorporação de palavras ou estruturas sintáticas estrangeiras, como um texto entre viagem dentro de si. Isso ocorre em vários textos, como no conto de Liliana Colanzi, “El Chaco”, que utiliza palavras guarani para pensar o contexto indígena da narrativa; da porto-riquenha Dahlma Llanos-Figueroa, que escreve a partir do entre-lugar linguístico da comunidade porto-riquenha migrante, entre o espanhol e o inglês, ou da haitiana Edwidge Danticat, “Entre a piscina e as gardênias”, com fortes referências a práticas religiosas vodu e a termos em *criole*. Os textos, já entre duas línguas, convertem-se numa nova travessia linguística, e as tradutoras tomam o cuidado de manter a duplicidade ao mediar o contexto, mantendo as palavras em guarani e

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

| | | | | | | |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|---------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 10 | n. 2 | 1-22 | e021013 | 2021 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|---------|------|

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

em *criole* e adicionando notas de rodapé, para explicar seus significados e o contexto cultural para os leitores brasileiros.

A escritora porto-riquenha Dahlma Llanos-Figueroa, ao comentar seu processo criativo, destaca o fato de que ela escreve entre o inglês e o espanhol para pensar contextos e entre-lugares de seus deslocamentos entre territórios e línguas. Pensar as literaturas latino-americanas hoje é pensar a heterogeneidade de contextos e línguas. Nas palavras da porto-riquenha:

A língua é muito importante na minha escrita, porque escrevo fundamentalmente em inglês americano do século XX sobre eventos que aconteceram em espanhol porto-riquenho do século XIX. Então, eu sempre preciso dosar quanto da língua nativa posso utilizar. Eu não traduzo dentro de um texto, se achar que a utilização do espanhol dá a ele autenticidade. Porém, estou sempre consciente do leitor que não está linguística ou culturalmente familiarizado com o mundo que quero criar. Por isso, me empenho muito em oferecer indícios e contexto, para permitir que esse leitor saiba o que está acontecendo, mesmo se ele ou ela não falar espanhol (LLANOS-FIGUEROA, 2018, p. 58).

Em suas seis edições, foram publicados 34 textos de escritoras de 18 países de origens diferentes (Figura 1), incluindo escritoras brasileiras – daí a afirmação, muitas vezes esquecida pelos brasileiros, do Brasil como país latino-americano. Dessa forma, além de abrir pontes e remapear literariamente a tradução da América Latina, já que há, ainda, uma falta de contato do Brasil com os seus vizinhos (PIZARRO, 2004), a revista se coloca ativamente na ressignificação dos brasileiros enquanto latino-americanos.

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

| | | | | | | |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|---------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 10 | n. 2 | 1-22 | e021013 | 2021 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|---------|------|

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>



Figura 2 - Mapa dos países de origem das escritoras publicadas/ Fonte: Editora Incompleta (2021)

Esse ato de colocar no mapa, ou abrir mapas literários encobertos – para brincar com o encobrimento de mundos na Conquista da América Latina –, é um movimento de construção de uma literatura da pluriversalidade. Contra uma literatura universal calcada em categorias críticas eurocêntricas, o projeto político da publicação é a realização de uma descoberta, enquanto encontro que inventa um *corpus*, de textos literários marginalizados pela geopolítica da produção editorial e da tradução como prática feminista desoutrizadora de escritoras. A partir disso, há uma des(re)territorialização dos textos pela leitura e pela língua, ao tomarem novos sentidos quando viajam para mapas outros que não sua origem, ressignificando a própria autoria de mulher latino-americana, que ganha espaço e corrompe hierarquias.

Nesse trabalho tradutório, funciona o que defendeu OchyCuriel, ao ser questionada se a tradução de ideias feministas, incentiva a emancipação de grupos de mulheres subalternizadas:

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

| | | | | | | |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|---------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 10 | n. 2 | 1-22 | e021013 | 2021 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|---------|------|

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

Na medida em que conhecemos as experiências de outros grupos em muitas latitudes, isso ajuda a ter uma compreensão melhor das experiências diversas, e também das lutas e resistências que se fazem em muitos lugares, o que contribui para a coalização transnacional (CURIEL, 2019, p. 243).

Faz-se, desse modo, um corpo literário de/entre mulheres calcado na tradução, linguística e cultural, e na heterogeneidade das enunciações.

Outra leitura interessante, nesse sentido, dá-se por percebermos que os textos literários da *Puñado*, enquanto originais das línguas estrangeiras ou traduções, são formações de equivocidade de vozes e experiências de mulheres e da América Latina, porque há diversos posicionamentos enunciativos que formam um agenciamento coletivo – para ressoar e ressignificar Deleuze e Guatarri (1996) pelo feminismo – *na/pela* literatura. Esse equívoco não cria unidade, mas ecos possíveis de experiência factuais (pelos ensaios) e ficcionais, isto é, várias vozes em uma, dentre as quais estamos nós, aquelas e aqueles que leem, formando um “punhado” de subjetividades móveis e suas mudanças de posicionamento enunciativo, assim como pela tradução e pela leitura. Assim, é preciso tomar tradução dos textos literários como uma operação, ao mesmo tempo, translinguística e transcultural – visto que a tradução é uma “migração” (COSTA, 2014) com potencial transformador entre línguas, autoras e textos, ao catalisar leituras entre fronteiras, colocando discursos em diálogo – e, conseqüentemente, repensar sua circulação e recepção.

Além de colocar no mapa escritoras desconhecidas no contexto brasileiro, a revista publica o entorno dos textos literários, que os contextualiza. Para isso, em cada edição, primeiro é publicada uma pequena biografia da autora, para apresentar seu percurso como escritora e para afirmar sua relevância na produção literária atual, assim como para situar o texto publicado dentro de sua obra. Em seguida, publica-se o texto literário selecionado. Foram, até agora, publicados 25 contos, 4 ensaios, 1 coletânea de poemas e 5 capítulos de livros. Por último, publica-se uma entrevista com as autoras da edição, chamada de “Conversas”⁴, realizada pelas colaboradoras convidadas, que são escritoras, artistas, tradutoras ou pesquisadoras de literatura. Na sexta edição, com duas revistas diferentes, 6A e 6B, há uma cinta para unir os dois volumes com a foto de todas as colaboradoras, sejam escritoras, entrevistadoras, tradutores⁵ e editoras, o que mostra a valorização do trabalho colaborativo também no corpo material da revista:

⁴ Todas essas conversas estão disponíveis gratuitamente no site da editora e podem ser acessadas pelo link: www.incompleta.com.br/punado/ Acesso em: 10 jan. 2021.

⁵ Na sexta edição, além das duas editoras como tradutoras, a *Puñado* fez uma parceria com o Centro de Tradução da Casa Guilherme de Almeida, cujas alunas e alunos fizeram uma tradução coletiva do conto “Adentrar o ruído”, da chilena Alia TrabuccoZerán.

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

| | | | | | | |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|---------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 10 | n. 2 | 1-22 | e021013 | 2021 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|---------|------|

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>



Figura 3 - Cinta/ Fonte: Puñado (2019)

Cada edição coloca textos em diálogo por meio do tema que guia a curadoria, o que multiplica as possibilidades de pontes: um tema entre vários textos, vários formatos, várias vozes e várias culturas. Há textos que tratam dos temas de forma escancarada e outros que, como escrevem as editoras no prefácio da terceira edição, traçam “coincidências subterrâneas entre os textos, daqueles que não saltam à vista, mas estão ali” (DEL REY, DOMMARCO, 2018, p. 5). É papel de quem lê, portanto, identificar as possíveis aproximações entre os textos, de diferentes autoras, formatos e abordagens, mas com aproximações por diversas vias.

Os temas das seis edições publicadas até então são: exílios (2017a), delírios (2017b), famílias (2018a), rituais (2018b), limbo (2018c) e jornadas (1 e 2 – 2019). É possível também pensar que os temas são uma forma de (re)construir a experiência da América Latina, rompendo com as divisões nacionais, por meio da escrita das mulheres latino-americanas. Afinal, a história latino-americana é perpassada por uma série de ditaduras, “exílios”, diásporas e buscas de uma vida melhor – como muitas autoras publicadas fizeram; a literatura é marcada, como “delírios”, pelos encontros e desencontros da realidade com a ficção, além de poder ser lida como um trânsito da subjetividade na jornada da linguagem e das enunciações enquanto um ritual de alteridade; a família é o substrato da experiência e das tradições – e “rituais” – que, como disse a chilena Andrea Jeftanovic (Puñado 3, 2018, p. 94), são “a herança e a dívida”, o que faz da América Latina a linhagem de povos que compartilham um passado colonial e a dívida de uma suposta

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

| | | | | | | |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|---------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 10 | n. 2 | 1-22 | e021013 | 2021 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|---------|------|

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

dependência cultural, o que nos fez habitar o “limbo” da periferia da globalização, inclusive do direito de publicar. A partir de tudo isso, podemos traçar a “jornada” dos territórios em expansão pela revista, que mapeia a literatura no trânsito latino-americano entre translocalidades, corpos deslocados, traduções culturais e mulheres.

Além disso, as pontes tradutórias da revista são realizadas, primeiramente, por uma pesquisa de escritoras e textos para compor a edição que será publicada, ou para futuras edições. Chamamos, aqui, essa curadoria de uma “arqueologia do presente”, em diálogo com o que diz Bonaventura de Souza Santos (2002) sobre a “contração do presente” da racionalidade ocidental, que torna o presente um “instante fugidio”, entrincheirado entre o passado e o presente” (SANTOS, 2002, p. s./p.), de forma que é preciso expandir o presente e contrair o futuro por meio da transformação de ausências em emergências, contra a produção ocidental de inexistências, a fim de propor construções outras que sejam alternativas às experiências hegemônicas.

Dessa forma, a curadoria da revista seria uma arqueologia das emergências porque as editoras escavam as publicações fora do centro da produção editorial em busca de textos que não estão nos holofotes da produção ocidental. É necessário, quanto a isso, considerar a configuração da editora como independente, que tem se mostrado importantes no contexto brasileiro como forma de romper as cartografias de poder no mercado editorial (MAGALHÃES, 2021); e seria “do presente” por nadarem contra a corrente na busca pelas literaturas contemporâneas escritas por mulheres latino-americanas, em um movimento contra a sedimentação e o esquecimento de textos, para serem escavados e lidos no futuro, como ocorre com várias escritoras dos séculos passados, mesmo as que conseguiram entrar no cânone da literatura latino-americana, por exemplo, Elena Garro e Silvina Ocampo, que foram traduzidas para o português, no Brasil, apenas na década de 2010, ao passo que seus contemporâneos homens foram traduzidos e lidos no Brasil no seu próprio tempo.

Nessa arqueologia, há, como relata Laura Del Rey (2020), dificuldade de chegar a determinados textos e literaturas devido à precariedade de contatos transnacionais do mercado editorial de alguns países, até mesmo a dificuldade de importar livros, por exemplo, em El Salvador, o que prejudica a tentativa de tradução de algumas autoras. Isso mostra que a distância vai além da falta de interesse na leitura, mas perpassa questões editoriais e de relações internacionais.

Tendo em vista o propósito de publicar e fazer com que o público brasileiro conheça essas escritoras mencionadas acima, colocamos, aqui, o nome e o país de origem das escritoras publicadas até agora e que formam o *corpus* da pesquisa: as mexicanas Elena Poniatowska Amor, Verónica GerberBicecci, Rose Mary Salum e Margo Glantz; a mexicana-nicaraguense Eunice Shade; as argentinas Inés Fernández Moreno, Paula Porroni, Alejandra Zina; as brasileiras Veronica Stigger, Taís Bravo e Jarid Arraes; as chilenas Lina Meruane, Diamela Eltit e Paz Errázuriz, Andrea Jeftanovic, Alia Trabucco Zerán, Constanza Gutiérrez; as porto-riquenhas Mayra Santos-Febres, Dahlma Llanos-Figueroa, Ivelisse Rodríguez; a antiguanense Jamaica Kincaid; a peruana Claudia Ulloa Donoso; a equatoriana Mónica Ojeda; a colombiana Julianne Pachico; a uruguaia Vera Giaconi; as bolivianas Giovanna Rivero e Liliana Colanzi; as haitianas

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

| | | | | | | |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|---------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 10 | n. 2 | 1-22 | e021013 | 2021 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|---------|------|

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

Edwidge Danticat e Évelyne Trouillot; a panamenha Melanie Taylor; a dominicana Rita Indiana; a salvadorenha Claudia Hernández; a venezuelana Lena Yau; a uruguaio-brasileira Gabriela Aguerre; e a granadina Merle Collins.

Quando perscrutamos o perfil dessas mulheres em busca de coincidências nas diferenças de cada contexto, há a presença muito grande da diáspora latino-americana e caribenha, com a migração de seus países de origem para países do Norte Global, principalmente os Estados Unidos. Das 35 escritoras publicadas, 18 vivem no país de nascimento e 17 se deslocaram para outro país. Esse movimento é visto principalmente pela atuação de várias escritoras como professoras universitárias, a exemplificar pela mexicana Rose Mary Salum e pela granadina Merle Collins.

Há, também, o contexto de sair de seu próprio país como condição para ser escritora. A escritora venezuelana Lena Yau, por exemplo, quando questionada pela artista Ângela Mendes sobre a produção literária latino-americana e venezuelana, no contexto de que o Brasil tem contato escasso com a produção literária da América Latina, responde que, na Venezuela, a literatura é um ato de resistência, porque a ditadura persegue, desqualifica, condena e veta os escritores que são contra o poder. Nesse contexto, para Liu há duas vertentes de produção literária venezuelana: a primeira formada por autores que vivem no país de origem, que enfrentam várias dificuldades já que não há condições materiais, até mesmo a falta de papel, para o ser-escritor, em um contexto no qual as feiras literárias fecharam as atividades e as editoras diminuíram o número de títulos; a segunda corresponde aos escritores da “diáspora” fruto das condições da ditadura, que foram para outros lugares onde a vida como escritor se mostra mais viável, como o movimento dela para a Espanha.

Relato semelhante é o da escritora e editora boliviana Liliana Colanzi, publicado na quinta edição, quando questionada por Laura Del Rey acerca das diferenças de suas escolhas como escritoras e como editora, tendo em vista a relação com os textos e com o mercado. Colanzi afirma que, para ela, editar é um processo tão íntimo como escrever. Também compartilha que o mercado livresco na Bolívia é tão precário que cálculos mercadológicos são difíceis, e mesmo assim edita e publica pela sua editora Dum Dum.

Considerando que a revista publica apenas escritoras que estejam vivas, há uma disparidade entre as idades. A maioria das escritoras publicadas está na faixa dos 30 a 40 anos (6 escritoras) e dos 40 a 50 anos (14 escritoras), enquanto há 4 com até 30 anos e outras 4 com mais de 70 anos. Dessa forma, podemos ver que há produção de mulheres de várias gerações, sejam as já reconhecidas pela crítica de seus países, ou internacionais, ou as mais jovens, que estão em início da carreira. Há, nessa variedade, o benefício de a revista mostrar o percorrer dos tempos da literatura contemporânea, pensando nas divisões que comumente se fazem com os tempos, porque convivem textos de lugares de fala geracionais diferentes, dentre outras características identitárias, na mesma edição, de modo que podemos aproximar e analisar em diálogo, por exemplo, um texto sobre o exílio escrito na década de 1980 e outro escrito em 2010.

A identidade racial também é variada, sendo que um terço das escritoras são negras, principalmente as caribenhas. Há, inclusive, um questionamento sobre a categoria identitária

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

| | | | | | | |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|---------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 10 | n. 2 | 1-22 | e021013 | 2021 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|---------|------|

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

“afro-latina”. Quando questionada por Luciana Bento – socióloga e escritora criadora do projeto “Quilombo Literário” –, a escritora porto-riquenha Ivelisse Rodriguez sobre como é seu contato com outras escritoras afro-latinas, afirma que, apesar de um movimento recente de destacar a “afro- latinidade”, ela não se reconhece no termo, mas na sua “porto-riquice”, que antecede, embora conviva, com sua cor. Apenas depois de afirmar sua porto-riquice que diz poder compartilhar como outras latinas influenciaram sua escrita, então recupera Sandra Cisneros, Julia de Burgos, Junot Diaz, Piri Thomas e Toni Morrison, como exemplos de escritoras afrodescendentes que a influenciam. Para ela, a linhagem é importante enquanto afirmação da possibilidade da escrita: “Eu tinha treze anos quando li pela primeira vez um livro de uma porto-riquenha (*Down the semean streets*, de Piri Thomas), e a coisa mais valiosa que essas escritoras me deram foi que elas me mostraram que podemos escrever livros e ser as protagonistas de nossos próprios trabalhos, que nossas histórias importam” (RODRIGUEZ, 2019, p. 50). Enquanto escritora da diáspora para os Estados Unidos, Rodriguez ainda afirma que um dos problemas coloniais na literatura é uma crença de que os latinos não leem, de forma que não são um “mercado de leitores, o que acaba por fazer com que tenhamos muito mais dificuldade de publicar” (RODRIGUEZ, 2019, p. 51).

No mesmo viés, Fernanda Rodrigues questionou, na mesma edição, a granadina Merle Collins sobre como ela se sente sendo uma representante de “uma literatura feita por uma mulher negra e latino-americana”. A granadina respondeu que essa categorização é contextual, porque não é assim considerada no Caribe anglófono, mas que a situação é diferente nos Estados Unidos, pela marca forte da branquitude. Um ponto importante na sua fala é a singularização da experiência contra a homogeneização de uma única voz na categoria “autoria negra”, o que retoma a questão do conhecimento situado e da interseccionalidade como categoria de análise:

Quanto mais as pessoas lerem, mais elas vão perceber que determinada obra é *uma* experiência negra, *uma* experiência caribenha, e não *a* representação do todo. Se as pessoas lerem os meus trabalhos, e outros, e aos poucos começarem a perceber isso, me considero satisfeita. Quanto mais as pessoas leem, mais suas percepções mudam (COLLINS, 2019, p. 31-32).

Apesar de as demais serem brancas, a dominicana Rita Indiana deixa claro, em entrevista à revista, que a experiência racial dos brancos da República Dominicana – e podemos estender para os demais países, pela ferida colonial e pela presença da escravidão na história – é uma “miopia”, porque são ensinados a se considerarem superiores na lógica racista, mas se descobrem não-brancos quando viajam para os Estados Unidos ou para a Europa.

Para pensar essas entrevistas, podemos citar o que disse Thais Bravo, uma das criadoras da rede “Mulheres que escrevem”, no ensaio para a sexta edição da *Puñado*:

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

| | | | | | | |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|---------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 10 | n. 2 | 1-22 | e021013 | 2021 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|---------|------|

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

A conversa é o eixo que guia todas as nossas ações, por isso, desde o início, “Uma conversa entre escritoras” é o nosso *slogan*. A conversa como um espaço de escuta, troca e convívio. A conversa como a utopia de uma comunicação entre iguais, sem hierarquias e tutelas. A conversa como uma ferramenta para impulsionar a criação de redes de apoio afetivo e profissional entre mulheres que atuam de diferentes formas no meio literário (BRAVO, 2019, p. 88).

A partir dessa concepção de conversa como troca e convívio, as entrevistas são relevantes para mostrar o que está por trás dos textos literários, pensando nos contextos muito diferentes de publicação, como uma forma de descobrir os diferentes “escreveres” latino-americanos. Nesse sentido, como uma estrada de mão dupla, configuram-se como uma tradução translocal entre saberes e práticas que criam inteligibilidade e diálogo entre mulheres em contextos transnacionais através dos quais são (re)pensadas a literatura e a escrita, assim como a própria compreensão de ser mulher e escrever (n)a América Latina. Podemos pensar, por exemplo, as pontes sobre as práticas literárias de mulheres, como a própria *Puñado*, na publicação da editora independente boliviana *DumDum*, de Liliana Colanzi, como uma intervenção no meio literário, na proposição de uma “sensibilidade outra” (COLANZI, 2018, p. 73) e com textos fora da grande rota editorial; ou na revista *Literal: Latin American Voices and Literal Publishing*, da mexicana Rose Mary Salum, cujo objetivo era justamente “criar uma ponte cultural entre o mundo anglo-saxão e o mundo hispânico” (SALUM, 2018, p. 54).

Há, entre as falas das escritoras, muitas diferenças, embora algumas características sejam bastante presentes, como a condição precária dos mercados editoriais, a questão racial na autoria e os percalços da ferida colonial nos países, como já mencionamos. Além disso, nas entrevistas, muitas escritoras mostram a consciência de uma mistura identitária de forma a corromper uma pureza e um academicismo na constituição da América Latina e apontam ações que vão em direção à descolonização da escrita e da literatura, como o faz a brasileira Jarid Arraes (*Puñado 3*, 2018), na defesa da circulação da literatura de forma a afirmar-se e a corromper a lógica racista e machista do mercado editorial. Ela aponta maneiras de corromper essa lógica falida de consumir sempre a mesma literatura: comprar livros direto com autoras ou editoras, ler as biografias das escritoras antes de comprar seus livros para ver suas origens de modo a não comprar e, conseqüentemente, ler, pessoas apenas do eixo sul-sudeste (considerando a realidade brasileira), ou do Norte Global, reclamar aos organizadores e curadores de eventos pela ausência de autoras negras e indígenas, pela crença de que basta ter mulheres brancas, convidar escritoras negras e indígenas para publicações e divulgar nas redes sociais nomes e obras de escritoras pouco conhecidas.

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

| | | | | | | |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|---------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 10 | n. 2 | 1-22 | e021013 | 2021 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|---------|------|

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

3 Considerações finais: abrindo mais uma ponte

Neste texto, que se mostra uma abertura, uma ponte a mais entre latino-americanas, apresentamos a revista brasileira de literatura latino-americana e caribenha *Puñado*, criada em 2017, pela editora independente *Incompleta* e viva até então (apesar de um hiato no período de pandemia), como uma prática que contribui para a quebra da colonialidade das viagens dos textos literários a partir de um método de tradução desoutrizadora. A revista também visibiliza, no contexto brasileiro – no qual a rota está ainda em processo de abertura, por diversos motivos, como o imã voltado para as produções do Norte Global –, a agência da autoria de mulheres latino-americanas que pensam a construção literária de uma América Latina mais diversa e com mais vozes.

Tendo em vista a necessidade de fazermos diálogos e movimentar traduções entre mulheres para a construção de um feminismo decolonial e transnacional que abranja mais contextos, considerando as especificidades de cada um, a realização de entrevistas com as escritoras publicadas se mostra relevante para o projeto político de pensar as condições materiais do ato de escrever e publicar, visto que o entorno extraliterário é importante para pensar a condição do ser-escritora, ainda mais em contextos que vivem com a ferida colonial que faz, muitas vezes, a autoria ser mais difícil.

Referências

- AÍNSA, Fernando. “Palabras nómadas. Los nuevos centros de la periferia. In: ESTEBÁN, Angel et al (eds). **Narrativas latinoamericanas para el siglo XXI: nuevos enfoques y territorios**. Hidesheim: Zurique/Nova York: OLMS, 2010, p. 1-27.
- ALVARÉZ, Sonia. “Enacting a translocal feminist politics of translation”. In: ALVAREZ, Sonia et. Al. (Org.). **Translocalities/translocalidades: feminist politics of translation in the Latin/aAméricas**. Durham: Duke University Press, 2014.
- ALVARÉZ, Sonia. Construindo uma política feminista translocal da tradução. In: **Revistas de Estudos Feministas**. 17 (3) • Dez 2009 . Disponível em: www.scielo.br/j/ref/a/NxJj8QWBtVffpyzR9GWWmvc/?lang=pt Acesso em: 20 jan. 2021.
- ANZALDÚA, Gloria. “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo.” Trad. Édna de Marco. **Revista de estudos feministas**, v. 8, n. 1. Florianópolis: 2000, p. 229-236.
- ANZALDÚA, Gloria; MORAGA, Cherrie. “Introduction”. In: ____ (Org.). **The bridge called my back: writings by radical Women of color**. Watertown: Persephone Press, 1981.

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

| | | | | | | |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|---------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 10 | n. 2 | 1-22 | e021013 | 2021 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|---------|------|

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

COSTA, Claudia J. L. "Feminismos decoloniais e a política e a ética da tradução". In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloisa (Org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

CURIEL, Ochy. "Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial". Tradução de Pê Moreira. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloisa (Org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

_____. "Pensar a tradução e o feminismo negro - Entrevista". In: **Revista Ártemis**, vol. XXVII nº 1; jan-jun, 2019. pp. 241-245

DEL REY, Laura. *Literatura latino-americana*. In: **Memorial da América Latina**. 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CBoIQU2hgFq/?igshid=1n9ejz45eck6q>

DELEUZE, Felix; GUATTARI, Felix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 1. Trad. Ana Lúcia de Oliveira; Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

ESPINOSA, Yuderkys. "Fazendo uma genealogia da experiência: o método rumo a uma crítica da colonialidade da razão feminista a partir da experiência histórica na América Latina". In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloisa (org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Becos de memória**. São Paulo: Pallas, 2017.

FONSECA, Luciana C.; SILVA, Liliam R.; SILVA-REIS, Dennys. "Apontamentos basilares para os estudos da tradução feminista na América Latina" In: **Mutatis Mutandis**. 2020, p. 210-227.

GILBERT, Sandra M.; GUBAR, Susan. *A ansiedade da influência*. Trad. Cíntia Schwantes e Eliane Campello. In: BRANDÃO, Izabel (org.). **Traduções da Cultura: Perspectivas críticas feministas (1970-2010)**. Florianópolis: EDUFAL; Editora da UFSC, 2017, p. 188-214.

GONZÁLEZ, Lelia. "Por um feminismo afro-latino-americano". In: **Caderno de Formação Política do Círculo Palmarino**. v.1. n.1, 2011, p. 1-11.

KLAHN, Norma. "Locating Women's Writing in the Age of Latinamericanismo and Globalization." In: ALVAREZ, Sonia E. et al. (eds.). **Translocalities/Translocalidades: Feminist Politics of Translation in the Latin/aAméricas**. 2014.

LUGONES, Maria. "Playfulness, 'World'-Travelling, and Loving Perception". In: **Hypatia**. v. 2, n. 2, 1987, pp. 3-19.

MAGALHÃES, Nathan. "As editoras independentes e os programas de apoio à tradução". In: **Publishnews**. 09 fev. 2021. Disponível em: publishnews.com.br/materias/2021/02/09/as-editoras-independentes-e-os-programas-de-apoio-a-traducao Acesso em: 12 fev. 2021.

MIGNOLO, Walter. **La idea de America Latina**. Trad. Silvia Jawerbaum e Julieta Barba. Barcelona: Gedisa Editorial, 2007.

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê "Literatura de autoria feminina em língua espanhola"

| | | | | | | |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|---------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 10 | n. 2 | 1-22 | e021013 | 2021 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|---------|------|

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

NDIKUNG, Bonaventure Soh Bejeng. Des-outrização como método: Lehzo, a me ken de za. In: **21ª Bienal de Arte Contemporânea Sesc_Videobrasil: Comunidades imaginadas**. São Paulo: Videobrasil; Edições Sesc, 2019. (Catálogo de exposição). Disponível em:

www.issuu.com/sesc24demaio/docs/af_190924_vb_catalogo_completo. Acesso em: 15 jan. 2021.

PIZARRO, Ana. **El sur y los trópicos**. Alicante: Cuadernos de América sin nombre, 2004.

PUNÃO 1: **exílios**. Laura Del Rey, Editora Incompleta. – São Paulo, v. 1, n. 1, 2017a.

PUNÃO 2: **delírios** Laura Del Rey, Editora Incompleta. – São Paulo, v. 1, n. 1, 2017b.

PUNÃO 3: **família**. Laura Del Rey, Editora Incompleta. – São Paulo, v. 2, n. 3, 2018a.

PUNÃO 4: **rituais**. Laura Del Rey, Editora Incompleta. – São Paulo, v. 2, n. 4, 2018b.

PUNÃO 5: **limbo**. Laura Del Rey, Editora Incompleta. – São Paulo, v. 2, n. 5, 2018c.

PUNÃO 6A e B: **jornadas**. Laura Del Rey, Editora Incompleta. – São Paulo, v. 3, n. 6-A, 2019.

SANTOS, “Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências”. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 63, p. 237-280, 2002.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. “Tradução como método de “Disothering”: para além do colonial e do especismo”. In: **Aletria**, Belo Horizonte, v. 30, n. 4, p. 19-42, 2020.

WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. Tradução de Bia Nunes de Souza. São Paulo: Tordesilhas: 2017.

Recebido em 01/06/2021

Aceito em 20/10/2021

Publicado em 21/12/2021

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

| | | | | | | |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|---------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 10 | n. 2 | 1-22 | e021013 | 2021 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|---------|------|

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

“PUÑADO MAGAZINE: DECOLONIZING THE PUBLICATION OF /BETWEEN LATIN AMERICAN WOMEN WRITERS IN BRAZIL

Leticia Pilger da Silva
Universidade Federal do Paraná
(leticiaspilger@gmail.com)

Abstract

This paper aims to analyze, from the decolonial perspective, the construction of the Brazilian literary magazine *Puñado*, by the independent publishing house *Incompleta*, that publishes translations or originals of short stories, excerpts of novels, essays and poems written by contemporary Latin American and Caribbean female writers, as well as its politics of publication. Besides the translations, there are biographies that introduce the published writers, their relevance and their contexts, and also interviews made by Brazilian collaborators (researchers, writers and translators) about being a female writer in Latin America and their poetics. Thus, the magazine will be presented as a decolonial and disothering practice of translation which potentializes the dialogue between Latin women from different cultural contexts.

Keywords: Latin American female writers; magazine; translation; bridges.

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

| | | | | | | |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|---------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 10 | n. 2 | 1-22 | e021013 | 2021 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|---------|------|

Universidade Federal de Alfenas
Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil
<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

REVISTA PUÑADO: DECOLONIZANDO LA PUBLICACIÓN DE/ENTRE ESCRITORAS
LATINOAMERICANAS EN BRASIL

Leticia Pilger da Silva
Universidade Federal do Paraná
(leticiaspilger@gmail.com)

Resumen

El propósito de este trabajo es analizar, basado en el pensamiento decolonial, la construcción y la política de la revista literaria brasileña *Puñado*, de la editorial independiente *Incompleta*, que publica traducciones u originales de cuentos, fragmentos de novelas, ensayos y poemas de escritoras latinoamericanas y caribeñas contemporáneas. Además de las traducciones, se publican biografías cuyo objetivo es presentar las escritoras publicadas, su relevancia y sus contextos, y entrevistas realizadas con colaboradoras brasileñas (investigadoras, escritoras o traductoras) con preguntas sobre cómo es ser una escritora en la América Latina y sobre sus poéticas. Así, la revista se presenta como una práctica de traducción decolonial y *desoutrizadora* que potencializa el diálogo entre mujeres latinas de diversos contextos culturales.

Palabras clave: escritoras latinoamericanas; revista; traducción; puentes.

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê "Literatura de autoria feminina em língua espanhola"

| | | | | | | |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|---------|------|
| Revista (Entre Parênteses) | Alfenas, MG | v. 10 | n. 2 | 1-22 | e021013 | 2021 |
|----------------------------|-------------|-------|------|------|---------|------|

Universidade Federal de Alfenas
Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil
<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>